

Extrema Monte Alegre
com Olho D'água do

Associação de trabalhadores e trabalhadoras rurais remanescentes
dos quilombos Data, Monte Alegre e Unidos Venceremos



Nova cartografia social da Amazônia

Quilombolas de Monte Alegre

Trilhando os caminhos que
dona Vitalina nos ensinou

Médio Mearim, MA

39

Extrema
Peba

Edmar
Barro Branco

Início e
final do PA

Extrema do Peba
com Onilde - Barro Branco

do Maranhão

Lima Campos

Associação de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Remanescentes dos Quilombos Data, Monte Alegre e Unidos Venceremos diretoria eleita em 2007

Presidente José Pereira Lima

Vice-presidente Elisabeth Lima de Souza

Secretária Cleidimar Ferreira

Tesoureiro Joseja Barbosa de Miranda

Grupo de Jovens de Monte Alegre

Comunidade Quilombola da Associação de Trabalhadores Rurais da Gleba Olho D'água dos Grilos

Associação de Mulheres Quilombolas Olho D'água dos Grilos

Grupo de Compotas de Santana

Grupo de Jovens da Região de Santana (abrange Santana, Piçarra, Boa Esperança e Santarém, Vila Nova)

Associação União dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais da Região de Santarém

Comunidades que participaram da Oficina de Mapas realizada em 7 e 8 setembro 2007

Monte Alegre

Trecho Seco

Morros Barro Branco

Olho D'água dos Grilos

Santarém

Santana

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia : quilombolas de Monte Alegre: trilhando os caminhos que dona Vitalina nos ensinou – São Luís Gonzaga do Maranhão – Médio Mearim / coordenação do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida ; organizadores, Patrícia Portela Nunes ... [et al.]. – Manaus : UEA Edições, 2012.

12 p. : il. color. ; 25 cm. – (Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos ; 39)

ISBN 978-85-7883-210-0

1. Conflitos sociais. 2. Organizações sociais. 3. Comunidade Quilombola – Maranhão. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Nunes, Patrícia Portela. III. Série.

CDU 528.9:316.48(812.1)

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(PNCAA – CESTU/UEA, PPGAS/UFAM, CNPq)

Rosa Elizabeth Acevedo Marin
(UNAMAZ – NAEA – UFPA)

Equipe de pesquisa

Arydimar Gaioso
Benjamin Mesquita
Patrícia Portela Nunes

Cartografia e mapas

Luís Augusto Pereira Lima (PNCAA – CESTU/UEA)

Levantamento de pontos com GPS

Davi Pereira Júnior
Macione Ribeiro dos Santos

Fotos

Arydimar Gaioso
Patrícia Portela Nunes

Projeto gráfico e editoração

DESIGN CASA 8 www.designcasa8.com.br

Impressão UEMA

UEA Edições, 2012

Dona Vitalina: nossa professora

Vitalina Maria de Andrade nasceu em 4 de maio de 1913 e faleceu em 16 de dezembro de 2011

Sr. Ribamar: Eu me lembro que na minha infância, bem aqui de trás tinha uma roda, uma roda de ferro e a gente brincava muito com essa roda. E hoje, quer dizer naquele período a gente não tinha a consciência que nós temos hoje. Então, hoje eu já bati pra mim ver se eu encontrava essa roda e parece que ela está enterrada, sumiu!

Sra. Vitalina: Eu sei, eu vi essa roda. Tu sabes o quê era? Era dessa casa velha de engenho daí, do tempo de escravatura, do tempo de Vertiniano, tinha essa roda, era grandona. Mas vai caindo coisa por cima e vai enterrando. Sabe quem é quem sabia dessas coisas aí? Era finado Inácio Cantanhede. Casa de Dona Vitalina, 6 setembro 2009

Sra. Dijé: Eu não canso de dizer que Vitalina foi minha maior professora, ele nos deu todas as dicas, ela nos deu rumo, deu norte pra coisas e a gente foi por onde ela indicou: “Vai lá na Santa Isabel. Não, vai lá no canto de Montevidéu, vai lá na Paciência, vai lá no Veloso.” Mesmo sem ela sair de casa, mas ela deu todas essas dicas e a gente trilhou pelos caminhos que ela descreveu, mesmo ela dizendo que já não sabe de nada e que já tá cansada. E eu acho que isso é uma coisa que não podemos perder de vista. Oficina de Mapas, Monte Alegre, 8 agosto 2007



Dona Vitalina, sentada em frente de sua casa, conta a história de Monte Alegre na presença de dona Nazir, sua filha, de Ribamar professor de matemática da comunidade, seu Paraíba diretor da Associação da Comunidade de Monte Alegre e dos pesquisadores Arydimar Gaioso, Benjamin Mesquita e Patrícia Portela

A compra das terras por ex-escravos

Patrícia: Mas então com a libertação dos escravos a fazenda Santa Isabel ficou com quem?

Sra. Dijé: Segundo o que Vitalina conta é que o branco doou uma parte e vendeu a outra parte, uma foi doação e a outra foi vendida.

Benjamim: Doou para os ex-escravos?



Ruínas da Igreja da antiga fazenda Santa Isabel, referência no presente do tempo da escravatura.

Sra. Dijé: Doou para os escravos e pra eles pagarem essa terra eles iam apanhar algodão, o algodão todinho que foi pago essa terra foi com a venda do algodão da Santa Isabel.

Arydimar: Então Santa Isabel era uma fazenda de algodão e para as terras aqui ficarem com os escravos eles ainda pagaram?

Sra. Dijé: Quando gritou a liberdade, que lá tinha muito algodão, aí ficou, eles iam lá apanhavam o algodão vendiam, pra fazer dinheiro pra poder pagar.

Arydimar: Monte Alegre foi doada e a outra foi vendida pra quem?

Sra. Dijé: Pra eles mesmos porque eram doze negros, seis homens e seis mulheres:

Zacaria Parga, Tiago Parga, Agapito Parga, Germano da Silva, Sebastião de Parga, Américo Parga, seis homem que se juntaram pra comprar. Agora mulher: Firmina Parga, Graciana Parga, Petunila Parga, Antonia de Castro, Valeriana Parga.

O trânsito dos papéis e a usurpação das terras por pretensos donos

Da mão de primo Isidoro para a de Zózimo, que cerca a data e institui o pagamento de foro em Monte Alegre

Dona Dijé: O filho do que se dizia dono, que na verdade não era, porque ao pé da letra, o avô de Zózimo era feitor, quando gritou a liberdade, como ele era feitor eles não tiveram direito à terra, mas como ele era sabido, ele recebeu o papel da terra porque o Isidoro era quem guardava os papéis da terra e de vez em quando ele vinha pra olhar o papel da terra e Isidoro não dava. Mas um dia ele achou o Isidoro numa maré de besta, aí Isidoro foi buscar o papel e mostrou pra ele e Isidoro não sabia ler e ele sabia aí quando ele olhou o papel ele disse: “ah! meu tio, bem aqui tem um nome errado e eu vou levar pra consertar!” Desse levado pra consertar, quando eles pensavam que não, ele já era dono de tudo!

Arydimar: E quem era esse Isidoro?

Dona Dijé: O Isidoro morava aqui no sítio e era da confiança deles, eles trabalhavam e na hora de pagar os impostos o dinheiro era dado pra ele pagar, era tio de Sindá (...). Aí extrema ali com centro de Zózimo que é de onde a gente veio, que é o filho do velho que vendeu as terras, porque enquanto ele foi vivo ele não vendeu, vendeu alguns pedaços, mas Monte Alegre ele não vendeu. Quando ele morre os filhos vendem.

Intenso conflito de terras

Usurpação por grileiros em fins da década de 1970



Arydimar: Como é o nome dele dona Dijé?

Dona Dijé: Zózimo Ferreira Parga.

Patrícia: Mas eles venderam pra quem?

Dijé: Pro pessoal da CANEMA, uma sociedade que tinha aí de uns japoneses, era uma grande criação de gado, búfalo.

Cassiano: Mas quando eles fizeram isso aí, aí nós resolvemos fazer a revolução e aí nós fomos na justiça de São Luiz Gonzaga. Até que numa boca de noite nós fomos tirar o arame; aí ele se zangou e vieram com a polícia de Livramento e Santa Inês juntando com os trabalhadores dele, e tocaram fogo nas casas, 93 casas, do Monte Alegre todo. E no

Olho D'água ia ser no outro dia, mas não foi porque a justiça tomou de conta logo. E aqui nós ficamos todos de baixo do pé de árvore, com as coisas jogadas fora de casa.

Beatriz: O livro de Monte Alegre é separado porque tem isso aí.

Desapropriação pelo INCRA na década de 1980

A afirmação do direito transmitido pelos antepassados na luta pela terra em oposição a orientações de agentes sociais externos.

Patrícia: E no mapa a área como comunidade remanescente de quilombo inclui o PA?

Dona Dijé: Inclui o PA porque quando a gente estava lutando pela terra, mesmo sem ter conhecimento nenhum, a gente dizia pra eles: “olha nós estamos aqui, não vamos sair daqui porque a gente tem certeza que era dos nossos antepassados e nós não vamos sair daqui”; porque

inclusive o próprio INCRA, era o próprio pessoal do INCRA que vinha pra cá dizer que a gente tinha que sair; porque nós ficamos aqui de 79 até 85, nós não sabíamos nem que era PA, e que depois deu uma briga danada, essa história de PA, PA, PA, e as coisas encobertas, quando um dia nós descobrimos que eles tinham colocado PA Olho D'água dos Grilos e isso deu um conflito tão grande e a gente aqui no Monte Alegre eram poucas pessoas que iam no Olho D'água. *

* OBS: O trabalho de cartografia social realizado em Monte Alegre tornou evidente que a área correspondente ao PA delimitado pelo INCRA, em 1980, não corresponde ao território de Monte Alegre, tradicionalmente reconhecido pelos agentes sociais.

Na resta do fogo

Efeitos sociais provocados com a desapropriação das terras pelo INCRA: tensões desencadeadas pelo aumento do número de famílias e pela invasão do gado no roçado

Sr. dos Santos: Esse pessoal mais velho, porque eu me nasci e me criei naquela parte ali, ali nós tínhamos um sítio grande e o pessoal que morava lá embaixo acabou com uma parte, aí eu fui e liberei o lado do plantio pra eles e fiquei com o outro lado. Eles disseram que queriam cercar ali e queriam que eu fizesse o variante e eu disse que ele sabia qual era o limite de trabalho. Aí eles foram e começaram. Certo, mas invadiram pro lado da Pedra [lugar sagrado de Monte Alegre conhecido como Pedreira]. E eles não disseram nada. Aí eu fui botar uma roça lá beirando, aí eles foram e botaram três pernas de arame e umas estacas. Aí eu falei: “rapaz eu botei uma roça aqui.”

Sr. dos Santos: Não isso aí já vinha dos pais, meu pai morreu e eu fiquei trabalhando naquela mesma área, então cada um já tem o seu centro de trabalho.

Benjamin: Que é o sistema de rodízio.

Sr. dos Santos: Exatamente, vai escolhendo os matos. E era sempre assim que vinha vindo, mas hoje com esse negócio de gado o pessoal quer fazer a solta no lugar de trabalho e não querem que você faça a roça porque diz que tá na beira da solta e pode o gado dele sair e entrar na roça do cara e o cara querer matar, ele não aceita fazer roça. (...) Tem gente que deixa de fazer outras coisas porque ele quer ter o gado e aí fica brigando com a gente. Aí numa área dessa não sei como é que todo mundo vai criar gado! Aí Dijé foi lá e disse: “rapaz, isso daqui é de origem.”

Patrícia: E eles são da associação?

Sr. dos Santos: São, mas eles não eram nem daí. Mas chegaram aí, na resta do fogo, depois do fogo, aí veio entrando gente, veio entrando gente, que isso foi uma coisa muita errada que o pessoal fez.

Patrícia: Eles já chegaram depois do fogo?

Sr. dos Santos: É, aí tem muitos que chegaram e tá prejudicando a sociedade, mas chegaram depois do fogo, botado por alguém que tá aqui por isso que a briga não acaba, é por causa disso. Olha, eu nunca coloquei uma pessoa aqui. Por quê? Porque eu pensei em mim – Rapaz: se eu coloco um vizinho aqui, uma pessoa lá de Lima Campos, porque ele vai me ajudar a fazer alguma coisa, mas, mais tarde, meus filhos vão crescer, aí onde eu vou colocar meus filhos?

Meirelane: Porque esses que chegaram depois querem ter mais direito que os antigos.

Manifestações culturais e religiosas

Tambor de Crioula, Mina e Terecô

A Mina é uma, agora só que vem tudo num esquema só. Agora a batida é que é diferente. Mas aquele tambor meu ali, de momento chega um tambozeiro, aí lá bate o Terecô e de momento bate a Mina, a Mina já é de outro jeito! Aí as doutrinas já são diferentes. (...) Como tem eu vou salvar a minha pedra bem aqui e aí alguém tem aquela ilusão de dizer que eu tomo parte com ela. Não, mas lá eu boto luz!!! **Sr. Domingos Moi de Ferro**

Associação de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

44°35'0"W

4°27'0"S

4°30'0"S

Legenda

Monte Alegre

Área do território compreende: Monte Alegre, Morro, Paciência, Barro Branco, Trecho Seco.

Povoados

Povoados adjacentes

"Extremas" - limites

- Extremas e limites de moradores
- Extremas e limites dos povoados
- Início e final do P.A.

Aspectos Institucionais

- Antigo Cemitério de Monte Alegre
- Cemitério
- Igreja
- Campo de futebol
- Casa da Forrajeira
- Casa de farinha
- Centro Zóximo
- Cruzeiro
- Escola Municipal São Benedito
- Pedreira *morada dos Orixás*
- Usina dos jovens
- Usina de arroz - fechada

Recursos Naturais, áreas de roça e solta

- Poço artesiano
- Poço artesiano do Piaí - desativado
- Igarapés
- Piçarreira (reserva)
- Açudes
- Roça dos Reis
- Área de Solta
- Babaçal - início
- Babaçal - extrema

Convenções

- Estradas e acessos aos Povoados
- Hidrografia
- Municípios de abrangência
- Municípios adjacentes

Extrema Paciência com Monte Alegre

PACIÊNCIA

Extrema Trecho Seco e Paciência

TRECHO SECO

Cemitério

Roça dos Reis

Açude do Trecho Seco

Criação de gado

Área de solta

Poço Artesiano

Campo de Futebol

Ig. do Zé Maranhão

Açude de Fe

MONTEVIDÉU

Extrema Reinado e Peba - Barro Branco

Poço Artesiano

BARRO BRANCO

Extrema Monte Alegre com Montevidéu

Extrema Edmar e Reinado - Barro Branco

Início e final do PA

Extrema do Peba com Onilde - Barro Branco

Ig. Molha Bunda

São Luiz Gonzaga do Maranhão

Lima Campos

Extrema Vila Nova com Fazendinha

Pedreiras

Extrema Fazendinha

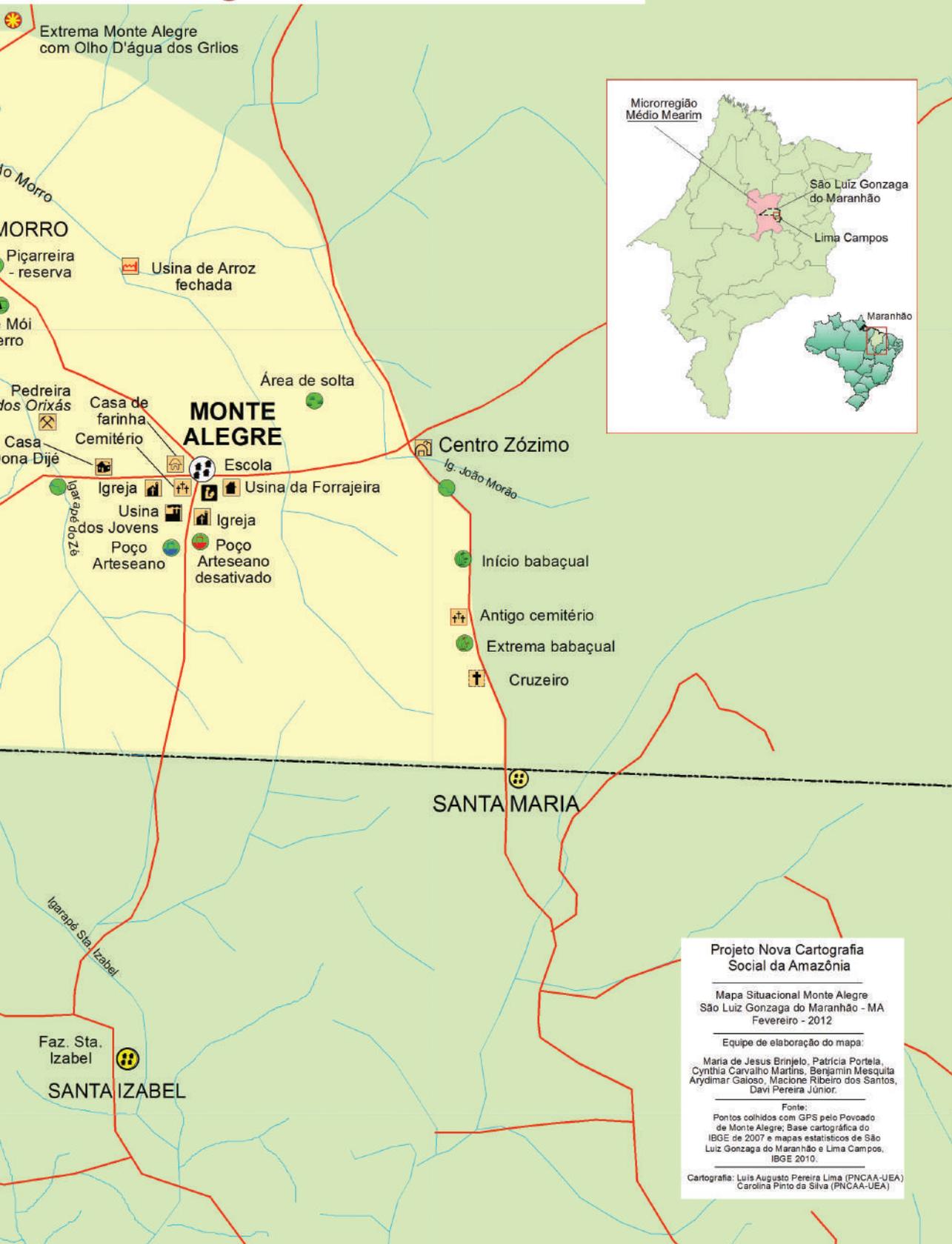
44°35'0"W

Escala:

1:40.000

0 400 800 1.200 1.600 m

Mapas Remanescentes de Quilombos Data Monte Alegre - Unidos Venceremos





Sr. Domingos Moi de Ferro (nascido em 4 agosto 1949 e falecido em 26 abril 2011) em seu salão de Terecô, com Ribamar no Tambor, dona Beatriz e dona Maria



Dona Beatriz, salão de Terecô do Sr. Domingos Moi de Ferro, botando uma toada

Eu não sou dona da mesa, mas eu acompanho essas coisas quando tem, e aí eu vou botar uma toada:

***Eu vinha de viagem / Mamãe mandou me chamar /
Eu vinha de viagem / Mamãe mandou me chamar /
Eu vou dizer para minha mãe / Eu sou rainha lemanjá / Eu
vinha de viagem / Mamãe mandou me chamar /
Eu vou dizer para minha mãe / Eu sou rainha lemanjá***

Dona Beatriz

Candomblé

Candomblé é uma linha formada dentro do Brasil que vem da Bahia oh! Retirante de Bahia no Brasil: Codó e aí o povo diz assim: Codó terra do Catimbó. Não, terra de negro, terra onde nasceu o terecô. Aí é que vem essas coisas que o negro trabalhava escondido dos brancos e aí lá ele cantava misericórdia do começo da ciência do tambor Xangô da Mata que bate assim tem, tem, tem, que bate uma cabaça, aí terecô! Tinha até um ditado um dia desses que o povo dizia assim: "cultura de negro, tambor de terecô, tambor de crioula", a senhora já viu né? Aí dança assim... **Moi de Ferro**, 6 julho 2007



Sr. Moi de Ferro, dançando terecô

Pedreira: morada dos Orixás

Dijé: Lá é um espaço sem limite porque todo mundo dessas encostas corre mundo e vai lá; tá virando um ponto turístico, vem gente de Alto Alegre; eles acham muito bonito.

Beatriz: É bom porque mostra o que nós temos.

Dijé: É mas aqui a gente vai em grupo, a gente avisa "eu vou lá na Pedreira"! Quando a gente vai lá, a gente vai em grupo.

Paraíba: Dá problema com pessoal de fora porque se tem alguém que cuida dela, às vezes o cara cai, a perna amolece. Eu mesmo vejo cair. Eu já sei que é problema, porque tem os pontos e as pessoas não sabem e daí a perna amolece.

Sindá: Só que às vezes tem gente que faz promessa e não cumpre quando recebe a graça, mas tem gente que fez promessa e foi atendida e foi lá pagar. Mas não é todo orixá que habita lá, eu só sei de 3 e não mexe com ninguém. Se ele não ajudar, mal não faz.



Sr. Francisco Alves Camelo na pedreira

Tendas, Salões de Terecô e Festa do Divino

Rapaz, essa festa aqui foi assim. Porque eu já andei em muito lugar, eu começo aqui de Lima Campo, Bacabal, Alto Alegre, São Luiz Gonzaga, Pedreiras, quase toda tenda aí eu conheço. Porque assim eu me casei com essa mulher, ela foi acidentada de um tiro aí eu peguei uma promessa: “se ela escapasse eu fazia essa três festas”; e com ajuda de Deus, ela conseguiu escapar. E eu fiz essas 3 festas de terecô, de umbanda, a tenda é Santa Bárbara. (...) Aí depois disso eu não parei mais e tem muitas pessoas daqui que me ajudam, Sindá, Noza, Maria Celina, tem um grupo de gente aí que me apóia, e elas gostam muito da minha mulher e dessa encantada que baixa aí na minha mulher. Sr. dos Santos



Sr. dos Santos e Sra. Luiza em frente à tenda de Santa Bárbara

A nossa luta: nossos sonhos e nossa história

Oficina de Mapas realizada em Monte Alegre, São Luís Gonzaga do Maranhão em 7 e 8 setembro 2007

“Nossos pais que nasceram e sofreram nessa área quilombola. E hoje somos engajados nessa luta, no mesmo sofrimento, com a fé de vencer, com a fé em São Benedito, que é o padroeiro da nossa comunidade e a nossa união nós vamos vencer essa luta e resgatar a nossa cultura, o nosso país pobre que é o nosso Brasil”. Grupo 2, Oficina de Mapas

“A nossa história vem de nossos antepassados que vieram da África como escravos, aqui foram escravizados antes do grito da liberdade. Eles permaneceram aqui, constituíram sua família e aqui já estamos desde a primeira geração, já estamos na quarta geração. Precisamos manter a nossa história viva, contada para toda a geração. Queremos que todo o território seja conhecido e titulado. Nosso sonho é conscientizar nossos filhos de sua origem.” Grupo 3, Oficina de Mapas



Apresentação do Grupo 3, Oficina de Mapas: Rozilene Frazão Silva, Macione Ribeiro dos Santos, Cleidimar Ferreira Luzia Ferreira da Silva, Francisco Alves Camelo

Depoimentos

Eu sou conhecida por Sindá, moro ali no povoado Morro. Eu estou muito feliz no meio dos meus companheiros, no meio das minhas companheiras, me deixa saudade, me dá vontade de chorar. E para os meus companheiros e minhas companheiras eu mando uma mensagem: lá vai o sol sumindo, deixando o mundo sem luz, eu quero que vós não deixe a gente sem a chaga de Jesus, o fogo quando se apaga na cinza deixa o calor, as colegas e os colegas, quando se afastam, no coração deixam a dor. Olivia Lima da Silva

O meu nome é Francisco, mas sou conhecido como Pa-raíba, sou do quilombo, quilombola Monte Alegre, Morro



Oficina de Mapas em Monte Alegre, 8 setembro 2007

e a gente faz um trabalho como representante, quando é pra representar os quilombolas de Monte Alegre fora, eu já saí várias vezes pra São Luís, Lima Campos, Codó, Itapecurú e eu fico preocupado não é só porque é quilombo, mas não é só a Direção, eu, Dijé, dos Santos, que tem que está junto. Eu sinto que tinha que ter mais gente como quilombo, seja Morro, Monte Alegre ou Trecho Seco, que fizesse um grupo quando a gente sáisse porque é meio feio, eu vou me apresentar como Monte Alegre, Trecho Seco, Olho D'água, as vezes. Eu agradeço a Diretoria, aos professores que vieram fazer o trabalho que a gente tinha a preocupação sobre mapas. **Francisco Alves Camelo**

Meu nome é Beatriz Lima, eu agradeço aos professores, nós estamos aí há 4 dias andando, não sei e vocês gostaram da minha expressão, mas eu gostei da de vocês. E vocês vão me levando aí como quebradeira de coco e vão me levando também como terecozeira que eu cantei. Tem pessoas que estão preparadas pra bater na mina cara, mas só que eu digo assim, vão bater na minha cara mas nós não vamos deixar a luta. **Beatriz Lima Camelo**

Eu sou Rita, moro nessa comunidade e sou negra também porque minha avó era negra. Então eu tenho que agradecer aos professores que estão aqui conosco e a Dijé e outra vez a gente se encontra. **Rita Gomes Camelo**

Meu nome é José de Ribamar Santos, em primeiro lugar eu quero agradecer a Deus e em segundo lugar agradecer aos instrutores porque eu pude perceber que o trabalho estava sendo bem vindo a todos porque todo mundo estava se preocupando a fazer alguma coisa. **José de Ribamar Santos**

Meu nome é Josefa, eu sou uma piauiense, eu tenho mais de 30 anos que moro no Maranhão e cheguei nessa comunidade depois da queima e fiquei por aqui assim um pouco isolada, só parindo escada de menino, não saía pra lugar nenhum, depois eles foram crescendo e eu fui me aconchegando na comunidade e entrei na luta, começou na Igreja, até que chegou no consenso da gente lutar muito pela preservação da comunidade. E com isso recebi o convite pra ser professora de geografia, de educação ambiental. E sobre quilombo eu queria dizer que eu sou uma negra, quero me identificar como uma negra, até porque achei uma história de que o meu avô foi escravo, o meu bisavô foi escravo e aí por isso eu me considero como negra, nem sabia que eu era, só por essa pelinha vermelha, a gente só achava que negro era pessoas da pele escura, aí eu não sabia o que eu era. Eu só dizia pra elas assim: eu não sei o que eu sou, eu só sei dizer que branca não, porque branco é sempre muito diferente e eu tenho muitos sinais de que não sou branca. E então quando eu ouvi a história de quilombo, de remanescente, eu pensei, "aí agora eu sei que eu sou negra porque eu encontrei uma história, porque

meu avô vivia dizendo que meu bisavô tinha sido escravo. E muito obrigada". **Josefa**

Eu sou Maria Luíza do Trecho Seco, dona dos santos porque tá dentro do meu quarto porque a Igreja tá desmantelada e estimo muito Deus, Nossa senhora e vocês, que foram lá no meu quarto e eu agradeço que tiraram retrato meu mais dos meus santos e gostei muito. Me convidaram e eu vim e tô gostando muito até agora e muito obrigado a todos. **Maria Luíza Lima**

Meu nome é Luzia da Silva, filha daqui mesmo de Monte Alegre, sou trabalhadora Rural, sou Romeira do divino Espírito Santo e fico muito satisfeita, agradeço aos professores e professoras e a Dijé que vem trazendo esse pessoal. **Luzia da Silva**



Dona Maria Luíza em sua casa no povoado de Trecho Seco

Eu sou Maria de Sena Alves, conhecida por Noza, nasci no Monte Alegre, me criei no Veloso, que é outra comunidade, perto daqui, voltei pra o Monte Alegre, me casei e fui pra Olho D'água dos Grilos. E tô muito agradecida, quando o pessoal me maltrada que me chama de negra, eu fico muito bem satisfeita porque é a minha classe, que é a classe de negro, que é a classe quilombola, que o meu bisavô foi escravo dessa terra de Monte Alegre, o meu bisavô, a minha bisavô foram escravos de Monte Alegre. Então eu sou descendente de quilombo de Monte Alegre, eu moro no Olho D'água dos Grilos, mas as minhas raízes estão aqui no Monte Alegre. Olho D'água dos Grilos tem a as raízes do meu marido, então lá ele morreu e me deixou e lá eu estou. Mas que qualquer coisa eu estou com meu pé lá e aqui no Monte Alegre porque é o meu lugar. E eu estou muito agradecida pelas moças que me convidaram para uma palestra, nós batemos um papo ontem, e não faltaria a ocasião de tornarem a me convidarem, eu acho que a cabecinha branca ainda tem alguma coisa pra contar. E no mais, muito obrigada, agradeço a todos nós que estamos aqui. **Maria de Sena Alves**

Eu sou Florismar Veloso Sampaio, conhecida por Dodó, moro lá na comunidade de Santarém, nasci e me criei lá, minha mãe também e meus avós. Eu gostei muito de participar do curso aqui, apesar de que eu não vinha, mas tô muita agradecida pelos professores, o que eu aprendi e espero que um dia eu realize o sonho de minha comunidade e fique lá mesmo na minha comunidade. **Florismar Veloso Sampaio**

Primeiro quero agradecer a Deus, segundo a São Benedito, terceiro eu quero agradecer a todas as almas que estão no cemitério e eu quero agradecer fortemente aos Orixás, porque sem força a gente não consegue nada, a gente só consegue quando tem força. E eu acho que nessa caminhada quando eu vou sair de casa que passo por aqui eu digo: Oh! meu São Benedito, me leve em paz e me traga em paz! Quando eu chego ali no cemitério: oh! minhas almas me acompanha nas minhas viagens. Oh! meus Orixás me acompanhe! E também quero agradecer aos companheiros e às companheiras que têm me ajudado nessa jornada pesada. É uma cruz pesada e se não tiver quem ajude a carregar a gente joga no chão porque sozinho a gente não pode com o peso. (...) O que nós queremos? Nós queremos é nosso território . E o quê o INCRA diz pra nós, o pessoal quando vieram de Brasília: essa terra não comporta vocês, porque vocês estão crescendo porque a tendência de vocês é aumentar, não é diminuir. E aí a gente conseguiu, eu quero agradecer ao Zé. Eu quero agradecer ao Macione, que é o filho que eu não tive, ao Paraíba, a dona Rita e a todos os companheiros que estão aqui. Eu quero que chegue o dia que a gente possa deitar a cabeça no travesseiro e dizer: o nosso objetivo foi concluído, chegamos aonde queríamos, agora a gente tem um território pra que a gente possa sonhar e ver as nossas crianças felizes. (...) Quero também lembrar que às vezes o companheiro diz assim: ah! a Dijé pertence a uma panela bem pequenininha. E eu tenho dito a Dijé pertence a uma panela grande e o retrato está aí que nós temos o fascículo daqui de Monte Alegre, mas eu me preocupei, será que deve ser só nós? Nós estamos na luta, então vai lá e chama Roxinho, pede pra ele vir porque nós também não podemos atravessar os sinais, a gente tem que fazer as coisas que as pessoas estejam de comum acordo. Fui conversar com Santana, com Santarém, fui conversar Bidoca porque a gente mesmo sabendo que a terra é dele, ele se declarou quilombola! Então conversei com esse emaranhado de gente, a gente aqui, juntos, acabou descobrindo milhões de comunidades que tem no município. Então eu acho que isso é louvável porque a gente só se descobre quando tá junto, a gente sozinho, isolado, nós não vamos conseguir. Eu quero agradecer de coração, eu estou muito satisfeita. **Dona Dijé**



Dona Luzia, conhecida Caixeira da Festa do Divino Espírito Santo, 6 setembro 2007

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de Coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açú, Amazonas
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá Barcelos, Amazonas
- 18 Mulheres artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, Amazonas
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, Amazonas
- 21 Movimento das peconheiras e peconheiros da ilha de Itacoãzinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, Amazonas
- 23 Movimentos ribeirinhos e indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité – Tonantins, Amazonas
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Oficinas de Consulta – Alcântara – MA
- 26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciriaco – Realidades e desafios
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, Maranhão
- 29 Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas de Santarém – Pará
- 30 Ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará
- 31 Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá, Acre
- 32 Ribeirinhos, extrativistas e agricultores da Associação das Comunidades do Lago do Antonio – Humaitá, AM
- 33 Comunidades extrativistas da Resex Ituxi – Lábrea, AM
- 34 Quilombolas de Santa Fé – Costa Marques, RO
- 35 Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – Manicoré, AM
- 36 Quilombolas, Agricultores(as), Quebradeiras de coco, Pescadores do Território de Formoso Penalva, MA
- 37 Pescadores e Pescadoras, Agricultores e Agricultoras do Lago do Puraquequara e Jatuarana – Manaus, Amazonas
- 38 Associação Indígena Karapãna – Assika, Rio Cuieiras e Baixo Rio Negro, Manaus
- 39 Quilombolas de Monte Alegre – Médio Mearim, MA

REALIZAÇÃO

STTR – São Luís Gonzaga, MA

APOIO

Programa de Pós Graduação
em Cartografia Social e Política
da Amazônia



UFAM
PPGAS

